

CIENTOLOGIA E DIANÉTICA
Texto da Palestra XVIII
SÉRIE de SUMÁRIOS de CURSO
por
L. RON HUBBARD

MATERIAL DE FITA DA PALESTRA
ENTIDADES

Compilado por escrito
por
D. Folgere

1. Theta opera no universo físico e pode dizer-se que faz duas coisas: pode dizer-se que É, e pode dizer-se que recebe e regista impressões do universo físico. Pode dizer-se, então, que uma mente é composta de uma inicial e constantemente reiterada decisão de SER, mais muitas impressões do universo físico registadas e usadas no controlo do mesmo universo físico. Contudo, esta descrição, embora útil, é enganadora quando aplicada a um ser humano vivente, pois a mente de um ser humano vivente é composta aparentemente de mais do que um SER e, por conseguinte, mais do que um conjunto de impressões registadas.
2. Os seres que constituem a mente são chamados **Entidades**. Eles podem ser pensados como pessoas separadas, com vidas e memórias passadas separadas, embora possam ter muitas memórias mais ou menos em comum com outras entidades partes da mesma mente. Uma entidade pode ser o ator numa certa experiência, outra entidade pode estar presente só como observadora, enquanto que uma terceira pode não ter consciência desta experiência em absoluto, e ainda todas as três entidades podem fazer partes da mente do mesmo ser humano.
3. Nós podemos iniciar a nossa enumeração e descrição das entidades que compõem a mente humana com aquela entidade menos surpreendente, a entidade somática. A entidade somática é aquele ser que prossegue com a evolução de um organismo, seguindo a linha genética. A entidade somática incluiria sob seu comando todos os epicentros do organismo. A entidade somática seria independente da linha protoplasmática, linha orgânica imortal sem a qual nenhum organismo, nem o mais simples, é trazido à existência, mas seguiria o curso daquele fluxo interminável de vida orgânica de perto na maioria dos casos. Nós poderíamos supor que uma certa entidade somática poderia ser nomeada o Smith em muitos organismos sucessivos.

É interessante especular sobre a relação entre a entidade somática e a linha protoplasmática. Provavelmente a mais próxima abordagem que pode ser feita neste momento é que a entidade somática é como um indivíduo a correr ao longo de uma estrada rolando habilmente um grande número de arcos. Ela seria capitã de uma companhia de pequenos organismos de vida, as células, e particularmente as células reprodutivas do corpo. Poderiam supor-se outras entidades somáticas ao lado da estrada à espera de alguns destes arcos se separarem através da procriação, e esperando tomar conta deles e rolá-los quando se separam dos arcos da primeira entidade. Deveria haver um grupo de entidades de Smith que tinham carga da linha de Smith, desde que houvessem bastantes arcos de Smith para

circular, ou que pedissem ajuda a outro lugar ou se separassem quando muitos arcos de Smith fossem criados através de procriação.

Estes arcos, é claro, teriam uma certa quantidade do seu próprio movimento em frente. Eles conteriam bastante theta para continuar sua vida, brevemente, como células, mas a organização em organismos mais complexos dependeria da mão orientadora da entidade somática. Se abandonados a si próprios, eles abrandariam logo e cairiam (a morte da célula). Se abandonados a si próprios como grupos (seres humanos) eles abrandariam e se separariam (a morte do organismo mais complexo).

Poderia supor-se que a entidade somática é bastante semelhante a um animal e a um ser humano. A diferença seria que a entidade somática do ser humano seria “maior” e teria mais trabalho. Mitose

Esses incidentes corridos por preclaros, o choro, a mitose, o ajudante, etc., que estão na linha genética, fazem parte da memória da entidade somática.

4. Há três ou quatro outras classes de entidades que formam a mente, além da entidade somática. A entidade somática está longe de comandar a mente, embora, como qualquer outra entidade, possa tomar o comando sob circunstâncias apropriadas.
5. A entidade superior da mente é chamada o ser theta ou **thetan**. O thetan é o verdadeiro “Eu” do indivíduo. É o ser que estaria no comando da mente de um indivíduo que tenha ficado completamente autodeterminado. Contudo, o thetan não está no comando a maior parte do tempo na maior parte das pessoas.
6. Como é que o thetan perde o comando? É simples questão de postular não-sobrevivência, um assunto sobre o qual muito foi dito em textos anteriores dessa série. Quando o thetan encontra uma situação muito difícil, pode postular que não pode continuar e simplesmente “ficar em branco” ou “adormecer”. Este é de facto um postulado de morte em termos de organismo. Se o thetan fosse a única entidade a operar o organismo, tal postulado seria presumivelmente seguido pela morte do organismo. Contudo, o organismo é de imediato assumido por outra entidade, logo continua vivo.
7. O thetan coexiste aparentemente com uma entidade que é quase sua igual, mas não totalmente. Esta entidade pode ser chamada a **Parceira**.
8. Qualquer entidade pode assumir o todo do organismo e existir como todo um organismo, mas cada entidade tem uma posição própria onde se pode considerar agir, habitualmente.
9. O Thetan ocupa a cabeça, virado para a frente.
10. O Parceiro ocupa a cabeça, virado para trás.
11. A próxima entidade é a entidade **interior direita**.
12. A próxima entidade é a entidade **interior esquerda**.
13. A próxima é a entidade do **estômago**.
14. Há mais duas são as entidades **exterior esquerda** e **exterior direita**.
15. A última desta categoria é a entidade **somática** fiel.

16. Agora surge a pergunta: se a entidade somática é a única intimamente conectada com a linha genética do organismo, quando é que as outras entidades se juntam ao organismo? A resposta mais precisa neste momento é que o thetan e as outras entidades iniciais se juntam ao organismo logo antes do nascimento. As duas entidades exteriores, contudo, parecem ser adicionadas depois do nascimento, embora não haja muita evidência disso neste momento.
17. Além do thetan, do parceiro, destas entidades iniciais e da entidade somática, podem haver várias entidades de segunda ordem chamadas entidades inativas. Estas juntam-se ao organismo a convite de alguma outra entidade. Elas aparecem para ser recolhidas por essa entidade com a finalidade de contínuos de vida. Se o indivíduo, sob as ordens de uma entidade particular, executar um ato overt e matar alguém, ela pode como entidade convidar alguma entidade da vítima a unir-se e fazer parte do seu organismo. Este convite teria a finalidade de continuar a vida da vítima “provando” que afinal de contas nenhum overt foi cometido.

Entidades inativas são caracterizadas por uma certa decadência. Aparentemente não lhes resta força bastante para dirigirem um organismo, logo ficam à deriva e chamam outras entidades.
18. Quaisquer entidades iniciais podem ter outro organismo, ou corpo MEST, além daquele que é o indivíduo em questão. Como nós vimos nas demonstrações prévias, uma entidade pode ter um corpo noutra planeta.
19. Por isso, nós temos dois tipos de partilha: um organismo pode ser habitado por muitas entidades, e uma entidade pode habitar mais do que um organismo.
20. Qualquer entidade que habita um organismo é capaz de produzir um somático naquele organismo. Isto deveria indicar a futilidade de embarcar num procedimento de audição de percurso de somáticos, com a exclusão de pensamento, emoção e esforço. Somáticos podem ser corridos fora, mas há um número quase infinito deles, uma vez que cada entidade pode ter milhões, (para ser superconservador).
21. Diferentes Entidades respondem a diferentes auditores. Por isso, um caso que está a ser auditado por um auditor, digamos um homem, pode-se transformar num caso muito diferente quando auditado por um outro auditor, digamos uma mulher. Se o auditor compreender porque isto acontece, pode fazer alguma coisa para o retificar.
22. Às vezes o auditor encontrar-se-á a auditar um incidente no qual o preclaro está “fora de valência”. O preclaro é um observador e observa o organismo passando pela experiência. O que está a acontecer é que o auditor está a auditar uma entidade consciente da experiência, mas ele não estava no comando do organismo durante essa experiência. Esta entidade terá alguma carga na experiência como observadora e pode ser auditada como observadora. A carga principal estará na entidade que estava no comando, mas essa carga pode ter posto esta entidade a “dormir”, deixando alguma outra entidade no comando. Auditando o observador através do incidente usualmente acordará a entidade de comando anterior ao incidente, e então a carga principal pode ser corrida.
23. Estudantes do segundo e terceiro ano reconhecerão prontamente os mesmos velhos fenómenos com os quais estão tão familiarizados, ao serem explicados, com vantagem, à

luz de novos fenômenos espoletados por recente pesquisa. Em todas estas teorias, e à medida que se desenvolvem, a mente permanece a mesma. Só obtemos uma imagem sua cada vez melhor à medida que avançamos. E como a imagem melhora, os resultados também.

24. Muitos fenômenos observados e depois avaliados por teorias anteriores, têm que ser agora reavaliados por esta nova teoria. Alguns deles são o Arquivista, Valência, Circuitos.
25. Se o auditor pedir ao preclaro a primeira resposta que lhe ocorrer em termos de sim-ou-não, ou um número ou um nome ao estalar dos dedos do auditor, o preclaro pode dar informação que caso contrário seria incapaz dar. Este fenômeno foi chamado o fenômeno do Arquivista. Mais recente pesquisa e teoria sugerem que as respostas do “Arquivista” são soluções para problemas oferecidos pelo thetan que está a operar num nível reduzido de consciência, mas que ainda retém bastante consciência para de vez em quando dominar a entidade do comando, particularmente quando diretamente abordado pelo auditor.
26. Um circuito é um item teórico, descrito como uma porção da mente compartimentada por um postulado forçado por dor, e que age como outra pessoa dentro da mente. (Uma definição até anterior substituiu “frase” por “postulado”, mas uma vez que uma frase é só um contra esforço a menos que acompanhada por um postulado, a presença do postulado foi compreendida). Esta definição foi agora melhorada. Foi melhorada tanto que a palavra circuito já não é necessária no vocabulário do auditor. Um circuito pode ser considerado agora uma entidade (“uma porção da mente... compartimento... agindo como outra pessoa dentro da mente...”) que está fora de tempo presente (sob a influência de um postulado forçado por dor). Uma entidade que está fora de tempo presente. A nova definição simplifica a velha, clarifica-a e torna obsoleta a palavra “circuito”.
27. Algumas entidades estão fora de tempo presente. Quando elas tomam o comando do organismo, ou estão em conflito com a entidade que está no comando, os postulados que as mantêm fora de tempo presente e que estão presentes nos incidentes nos quais elas estão apanhadas, são introduzidos no pensamento do organismo.

Quando uma entidade, que é psicótica porque está fora de tempo presente, toma o comando do organismo, o organismo fica psicótico. O thetan retira-se e nós dizemos que o “Eu” deste indivíduo desapareceu.
28. Uma valência é uma mímica de outra pessoa. Há muito em comum entre o artista de vaudeville que imita Lionel Barrymore, e o indivíduo que assumiu a identidade do avô falecido. A diferença principal é que o artista de vaudeville assumiu a identidade de Lionel Barrymore por alguns momentos, conscientemente, com a finalidade de entreter uma audiência, e o outro assumiu a identidade do avô falecido durante anos (ou mesmo séculos) “sem saber” com a finalidade de continuar a vida do avô e a fim de provar que o ato overt que ele cometeu contra o avô realmente não aconteceu, uma vez que o avô não está realmente morto. Esta mímica será levada a cabo por uma das entidades do indivíduo.
29. Uma valência é, então, só uma mímica. Já não se diria que um indivíduo está “fora da sua própria valência” quando o thetan não estava no comando, pois a ideia de entidades alivia a palavra valência de dever duplo. (Dantes “valência” significava a mímica e a entidade que

estava a fazer a mímica, uma duplicação que causava um pouco de confusão). O indivíduo não se imita a si próprio, ele É ELE PRÓPRIO. A Valência torna-se pura e simplesmente mímica. Várias entidades do indivíduo imitam várias outras pessoas. Ele troca de valência trocando de entidades. Ou, se é um artista de vaudeville, ele troca de valência decidindo imitar primeiro uma pessoa e então outra.

30. Este assunto de valências, em relação ao ator foi muito tempo de alto interesse para muitas pessoas. O que é exatamente que um ator faz quando ele “se torna a sua peça?” Porque é que alguns atores entram no palco, ou diante das câmaras fazem bem e convincentemente a sua peça e então saem e largam imediatamente o carácter que assumiram? Porque é que outros “se lançam a si próprios nas suas peças” tão profundamente que, às vezes, traços do carácter que representaram se prendem a eles mesmo depois. Nós dizemos de um ator: “Jones pode representar qualquer peça que você lhe dê. Ele é um bom trabalhador”. Nós dizemos de outro: “Elsie é uma grande atriz. Ela torna-se o carácter. Ela vive a peça”. Nós dizemos de outro: “desde que Jukes representou o Bandido Corso, ele usa uma espada, mesmo à volta da casa”. O que é que faz estas diferenças? Nós podemos, talvez, chegar neste momento mais próximo de uma explicação do que antes. Podemos dizer que o Jones assumiu identidades, como um artista de vaudeville, conscientemente, e tão logo as deita fora. Ele é bom em mímica. Tem bem sob controlo os fac-símiles dele. Por outro lado, Elsie pode não ter tão bem sob controlo os fac-símiles dela. A sua “grandeza” pode vir de pôr uma entidade no comando que tem uma valência ou que É muito um carácter como o que é suposto representar. Esta entidade pode continuar no comando ao longo da produção, mudando consideravelmente a personalidade de Elsie naquele período. Depois da produção, ela pode dizer a si própria: “Bem, acabei com aquele carácter! Whew! Que alívio! Às vezes sentia-me realmente Lucrecia Borgia”. E pode conseguir voltar ao comando como thetan, ou alguma outra entidade. Contudo, o pobre Jukes deu o comando a alguma entidade a fim de tirar proveito da personalidade daquela entidade ou de alguma valência da qual aquela entidade é capaz, então foi incapaz de tirar aquela entidade do lugar do motorista. Ele usa uma espada ao redor da casa. Muitos atores fazem isto. Às vezes é um grande sucesso.
31. A meta do auditor é restabelecer a completa autodeterminação para o thetan.
32. Todas as entidades diferentes do thetan foram trazidas ao “círculo familiar” pelo thetan ou por entidades trazidas pelo thetan. O thetan concordou em ter estas entidades. Se a autodeterminação total do thetan for restabelecida, ele já não terá que ter estas entidades.
33. Quando o auditor está a auditar um preclaro que tem uma certa entidade no comando, o auditor, está, com efeito, a auditar essa entidade.
34. O auditor pode escolher a entidade que deseja auditar.
35. O propósito do auditor ao auditar uma entidade diferente do thetan é abrir caminho para auditar o thetan.
36. Se outra entidade está no comando, o auditor pode ter que trazer aquela entidade para tempo presente antes de poder ir muito longe com o thetan. Este procedimento produzirá o efeito de trazer o preclaro de um estado de espírito mais ou menos psicótico para uma racionalidade comparativa.

37. Algumas entidades terão corpos noutra lugar que terão que ser abandonados.
38. Se uma entidade está presa num incidente, essa entidade pode ser libertada correndo o incidente ordinariamente, com pensamento, emoção e esforço. Se a entidade tem uma consciência muito baixa para atravessar o incidente, o thetan trabalha com o auditor e pode ser capaz de empurrar esta entidade através do incidente, apesar dela própria.
39. Auto-audição bem sucedida e fracassada, pode ser decidida por este fator: qual a intenção, em relação ao indivíduo, da entidade que está a fazer a audição? O que é que esta entidade deseja realizar? Se é o thetan que aprendeu a auditar, podem ser obtidos alguns muito bons resultados. Mas se é alguma entidade aberrada que foi controlada e mais controlada até que a única meta que lhe resta é controlar e escravizar qualquer organismo que lhe caia nas garras, os resultados de audição podem ser horrendos.
40. Qualquer caso que não corre facilmente para um auditor é provável não estar sob as ordens do thetan. Outras entidades terão que ser tiradas do caminho antes do caso correr facilmente. Não é necessário clarificar estas entidades. É necessário trazê-las para tempo presente e ajudar o thetan a assumir o controlo do organismo.
41. Alguns casos foram chamados “fora de valência”. Isto significava que eles não eram “eles próprios”. Nós diríamos agora de tal caso que, antes estava uma entidade no comando, e agora está outra. O auditor está, por força, a auditar a entidade agora no comando. Se ele tentar correr o preclaro através de um incidente que ocorreu quando a entidade anterior estava no comando, descobrirá que o preclaro recorda este incidente como se fosse só uma observadora, que é só o que esta entidade era.
42. O auditor tem que saber qual a entidade que está a auditar a fim de saber o que está a fazer. A exatidão da entidade que está a ser auditada dependerá, na maior parte dos casos, do uso de um E-metro. A visão alargada na mente que o E-metro dá ao auditor tornará muito mais fácil saber quem está a ouvir.
43. No que era chamado “percéticos fechado”, a entidade que está a ser auditada, ou está presa na banda, ou então apenas não experimentou o incidente que o auditor está a tentar correr. O incidente fora experimentado por alguma outra entidade.
44. Por essa razão, um indivíduo bem poderia estar no caminho para a autodeterminação e ainda ter uma recordação pobre dalgum incidente acontecido a outra entidade. A fim de encontrar os dados desse incidente, o auditor teria que perguntar à entidade em causa.
45. Um caso de amnésia pode suspeitar-se operar num banco de dados (memória) que não é da vida presente.
46. Num homossexual está no comando uma entidade do sexo oposto.
47. Theta é criativo. Pode fazer coisas novas. A regra que todos nós tantas vezes ouvimos, de que a imaginação é meramente uma recombinação de velhas experiências, evidentemente que não colhe. O poder de theta para criar vai muito mais fundo no universo MEST do que os nossos pedagogos anteriores nos fariam acreditar. Será possível dar alguma subsequente estimativa da profundidade desta criatividade. À medida que o relacionamento entre theta e MEST é examinado, a fronteira entre eles fica mais difícil de achar, e theta emerge cada

vez mais como CAUSA. Theta começa a parecer não só a causa da organização de MEST, mas também da pura existência de MEST. Este assunto até está dentro do segundo escalão de conhecimento. Nós podemos supor que a pergunta: “qual é a causa de theta?” fica dentro do terceiro escalão.

48. **Experiência** é um como que substituir MEST por **saber**, o que é uma função de theta. Nós vimos como alguns indivíduos de rápido-pensamento podem aprender uma operação tão rapidamente que parecem sempre ter sabido tudo, enquanto que outros podem experimentar a mesma operação muitas vezes e ainda cometer erros. Estas diferenças entre indivíduos são muito grandes, mesmo como observamos na vida diária. Não há contudo razão para supor que estas grandes diferenças contam para mais do que uma faixa muito estreita do espectro de saber. No topo deste espectro, a experiência pode ser algo mesmo desnecessário, ou tão pouco necessário que quase não se pode chamar experiência.
49. Se esta ideia da importância da experiência é válida, então o valor dos fac-símiles também é alterado. A computação de cursos de ação por comparação com fac-símiles vem sob o título de experiência em larga medida. Possivelmente, um indivíduo que **sabe** (que está no topo do espectro do **saber**) consideraria qualquer fac-símile, que se tenha dado ao trabalho de guardar, como mera relíquia de alguma coisa a que decidiu de momento chamar “passado”, e possivelmente ele não computaria qualquer curso de ação a partir de fac-símiles, mas olharia meramente para o tempo presente e **saberia** o curso a seguir.
50. Pode ser que os processos intelectuais, que nós vimos a considerar como a mais alta atividade dos seres que nós somos, admiráveis como estes processos nos podem parecer, são meramente aberrações e perversões do verdadeiro estado de **saber**. (Esta não é uma ideia nova, é claro, e muitos a reconhecerão da antiguidade. Contudo, pode ser que nós cheguemos a um ponto onde possamos fazer alguma coisa desta ideia).

DEMONSTRAÇÃO

Aud.: Quantos anos tens?

Pc: Eras!

Aud.: É pior do que Eras? Que tal triliões de anos? Ou milhões?

Pc: Três ou quatro triliões de anos de idade.

Aud.: Na origem eras uma só entidade?

Pc: Sim.

Aud.: (Começa a traçar a banda do tempo de theta do preclaro num quadro). Em que pensaste? (Houve uma queda no E-metro).

Pc: Alguns edifícios antigos.

Aud.: Estão no universo theta ou no universo MEST? (Observando o E-metro) Entre vidas? Ou antes, houve

algumas entre-vidas? Onde vives? Neste sistema planetário?

Pc: Muito longe. Tenho uma impressão de uma estrela muito luminosa.

Aud.: Isto foi há quanto tempo?

Pc: Oito milhões de anos.

Aud.: O que aconteceu aí? Coisas que explodiram? Essa civilização está toda a explodir? Eras um escravo?

Pc: Não.

Aud.: Isso foi um ponto alto de carga na tua banda? O que é que lá te aconteceu de mau?

Pc: Apenas matei toda a gente.

Aud.: Porquê? Foi uma tarde estúpida ou algo assim? Houve alguma outra causa para isso? Está bem. Era a nossa maneira de ser.

- Pc: Eu fiz uma coisa. Uma experiência, e todo o lugar explodiu.
- Aud.: Obtém uma boa clara reevocação. Obtém o momento mais claro. Há outro momento real para ti? Alguma parte daquele ciclo?
- Pc: Um homem muito alto.
- Aud.: Ele é real para ti? Como é a tua comunicação com este homem muito alto? Ele gosta de ti?
- Pc: Não.
- Aud.: Foi esse o problema?
- Pc: Não. Eu apenas fiz alguma coisa que não deveria ter feito. Estava a brincar com algo que não deveria.
- Aud.: Este homem estava relacionado contigo?
- Pc: Não. Ele era só o chefe. Não um governante. Só o encarregado do laboratório.
- Aud.: Gostas de química?
- Pc: Oh, não.
- Aud.: O seu ser theta (thetan) precisa de instrução?
- Pc: Não.
- Aud.: Como se sente para ser instruído?
- Pc: Não é necessária... a instrução.
- Aud.: Ok. Bem, nós temos aqui, então, um incidente que é um ato overt menor na quarta dinâmica. Dirias que era a quarta dinâmica?
- Pc: Definitivamente.
- Aud.: Já foste junto a uma outra alma?
- Pc: Sim.
- Aud.: Quando?
- Pc: Fiz uma coisa tola. Eu era curioso. Não obtenho qualquer Visio. Estava curioso e lixei-me a mim mesmo para me vingar.
- Aud.: Há quanto tempo?
- Pc: Há muito tempo atrás.
- Aud.: O que fizeste, voluntariamente?
- Pc: Não. Alguém me disse para ter cuidado.
- Aud.: E ficaste curioso?
- Pc: Quis descobrir o que aconteceria.
- Aud.: Foi depois da civilização explodir?
- Pc: Muito tempo depois.

51. Esta demonstração, embora fragmentária, mostra um pouco do procedimento de estabelecer a banda do tempo do thetan. O auditor está à procura do ato overt e de uma ocasião em que outras entidades foram adicionadas ao thetan. O preclaro disse no princípio que o thetan estava só.

PERGUNTAS de SEMINÁRIO

Conferência XVIII - Entidades

1. A memória de uma mente é limitada a uma sequência de vidas passadas? Explique.
2. Qualquer organismo pode existir independentemente da linha protoplasmática?
3. Quando é que uma entidade somática pode tomar controle da mente? Qual o seu grau?
4. Que fenómenos passados devem ser reavaliados à luz das teorias novas?
5. O que significa auditar uma entidade observadora?